

Tecnologias da Informação e Comunicação e Globalização Perversa em Darwin's Nightmare:

As lições de Milton Santos

Ednei de Genaro¹

Resumo: *Darwin's Nightmare*, de Hubert Sauper, constitui um persuasivo documento audiovisual para refletir sobre a lógica perversa que muitas vezes se baseia o mundo globalizado. A partir de uma investigação, produção e estudo sociológico *in loco*, o documentário busca penetrar no cotidiano da região próxima ao grande lago Vitória, no extremo noroeste da Tanzânia. Para nós, um argumento central parece permear: o que está por trás do sistema técnico de exploração pesqueira do Nilo perch, um peixe intruso e competidor no lago, que vem causando um enorme estrago social e ambiental? No artigo, dialogamos a estética política fílmica com as lições do pensador Milton Santos e traçamos uma perspectiva de análise que parece ser bastante fecunda e oportuna para tentar sintetizar e analisar, concomitantemente, a relação entre as tecnologias da informação e comunicação e a globalização perversa, no qual Sauper vem trazer à tona.

Palavras-Chave: TIC'S; Globalização perversa; Darwin's Nightmare; Milton Santos.

Introdução

Relacionar os ensinamentos crítico-metodológicos de Milton Santos com o documentário *Darwin's Nightmare* (Hubert Sauper, 2005, 111 min) parece ser uma das formas bastante produtiva, elucidativa – tendo alcance didático e polêmico – para um entendimento mais atento do que vem a ser o processo de globalização sob a emergência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's).

A câmera de Sauper e a escrita de Milton Santos aparecem como máquinas de expressões políticas, potências de inscrições do dissenso no espaço público, que colidem com o costumeiro burilamentos diplomáticos das questões em “relações internacionais”. De fato, quem já foi um ávido leitor da obra de Milton Santos pode até se espantar com o extremo potencial de diálogo com o filme e, por conseguinte, sobre a situação política no mundo, esclarecida por este autor.

1 Doutorando em Comunicação - UFF e Mestre em Sociologia Política - UFSC.

Contra o discurso ainda persistente da globalização como simplesmente unívoca à ideia de 'aldeia global' e a ode à inteligência coletiva, o ponto contrário aqui cai como uma luva. No lugar disso – e rumando ao território africano, isto é, longe do universo europeu –, o documentário nos mostra como os temas do mercado mundial, das relações entre países ricos e pobres; da circulação de pessoas, de mercadorias e informações não tem lugar na "globalização como fábula", de que alertou Milton SANTOS (2001) como tônica ideológica. Riqueza e miséria; progresso e destruição; Europa e África; ou, especificamente em Darwin Nighmare, Tanzânia e Rússia, são todos expostos dentro da "globalização perversa", o contrapeso no mais das vezes presente no mundo. Como nomeia o filme, a realidade da globalização perversa na Tanzânia é apropriadamente denomina como um *nightmare* (pesadelo) social e ambiental.

Em súmula, Darwin's Nightmare tenta penetrar no cotidiano da região próxima ao grande lago Vitória, no extremo noroeste da Tanzânia, que faz divisa com os países de Uganda e Quênia. O documento nos mostrar a situação por volta da lógica de exploração pesqueira do Nile Perch (no Brasil, Tilápia do Nilo), um peixe intruso e competidor no lago, que vem causando um enorme estrago social e ambiental. Sobressai, ao mesmo tempo, uma obra que prima pelo estudo de imagens e falas in loco. As imagens predominantes são de natureza de investigação 'aberta', isto é, de um trabalho de campo com roteiro não ostensivamente estruturado. Durante o arranjo documental, o olhar e o ouvir de argúcia antropológica proporcionam uma experiência excepcional para observar a realidade vivida ali.

Na composição, o filme se afasta de uma disposição pré-montada das coisas – que sucederia em prévias (ou posteriores) entrevistas extracampo com intelectuais e autoridades, assim como na exaustão de dados estatísticos, de fontes históricas etc. Não há realmente isso, uma vez que permanecemos bem mais próximos do "cinema de contato" pioneiramente estabelecido por Jean Rouch. O que se evidencia, propriamente, é um fino e bem sucedido olhar sociológico in loco, que nos mostra os universos multifacetados que permeiam tanto as comunidades locais ligadas à pesca como a condição urbana e dos agentes interessados na indústria de exportação dos peixes *Nile Perch* para a Europa. Isto significou acompanhar com a câmera um grupo de pilotos de aviões cargueiros russos, um bufão empresário local reprimido à cadeia exportadora do peixe, políticos em cobiças e desesperanças e, enfim, variadas figuras locais e indigentes que sofrem com a conjuntura do lugar.

Acredito que Hubert Sauper constitui, pois, algo que foge à natureza explicativa pobre, mesclada com o sentimentalismo ingênuo, das corporações de

noticiários contemporâneos. Ora, o documentário não se identifica com aquilo que cotidianamente somos entupidos por meio da gratuidade saturativa de imagens e do tratamento banal de temas políticos complexos, que é um dos lados mais negativo das grandes mídias. Neste sentido o documentário chega mesmo a colidir com tal caráter (quando capta habitantes locais assistindo a veiculação de noticiários televisivos sobre a condição de fome no país e as ajudas internacionais conjecturadas).

No entanto, a decisão do documentário de choque com os “agentes hegemônicos” não veio sem polêmica, uma vez que resultou em eleição de representações latentes, explícitas da realidade em miséria e do fundamento lógico que a sustenta. Mesmo que isso não tenha resultado em maniqueísmo e emocionalismo fosco e gratuito, Sauper se arriscou para enfrentar críticas que facultam depreciar seu o trabalho a partir da enunciação de uma “lógica da compaixão” (no melhor argumento) ao dar visibilidade extrema à miséria. Na época de sua divulgação e premiações, o filme obteve variadas apreciações. Em muitas delas, notavam-se discussões inócuas que tentavam advertir sobre o caráter de ‘realidade’ ou ‘ficção’ do filme. Em uma declaração sóbria ao jornal Le Monde, Sauper respondeu: “eu não mostro o que a África ‘é’, mas como eu a vejo. Todos os filmes são assim. Nenhum filme pode ser objetivo. Isto é a natureza do medium”.

Tanzânia e Rússia. O primeiro, geopoliticamente, uma parcela do submundo do capitalismo. O segundo, parcela emergente ‘suja’ do capitalismo. Ambos os países, no entanto, inseridos à sua maneira no processo de internacionalização do mundo capitalista, que a todo o momento deflagra um novo rincão para exploração lucrativa e, por conseguinte, insurge como catástrofe para a ética e a política. Estes países que a câmera de Sauper nos faz refletir remontam a algumas lições centrais da escrita de Milton Santos sobre o papel das tecnologias (e, especificamente, das TIC’s) no mundo globalizado. Tentaremos agora compreender.

1º lição: o estado da técnica e da política

O que talvez seja imprescindível para entender o contexto global atual dos países, ensinava o geógrafo, é analisar concomitantemente o estado da técnica e o estado da política. A estruturação, funcionamento e a articulação do mundo dependem das conformações política e técnica. “As técnicas, escreveu SANTOS (1994a, p. 42), de um lado, nos dão a possibilidade de empirismo do tempo e, de outro lado, a possibilidade de uma qualificação precisa da materialidade sobre a qual as sociedades trabalham”.

Nas “gêneses estruturais” das sociedades, a materialidade que especifica as sociedades expressa historicamente o modo como a manutenção da vida e a condição humana são satisfeitas. A politização das tecnologias é, sem dúvida, algo imprescindível para uma análise verdadeiramente política e democrática (ora, na falta disto, cair-se-ia simplesmente em uma conjuntura tecnocrática).

‘A técnica, ela própria, é um meio’. Milton Santos, a partir de ensinamentos de J. Ellul (1977) e G. Simondon (1969), não deixou de evidenciar que o ‘estado atual’ das tecnologias forma uma hipertelia no mundo. Aqui, portanto, não se considera uma técnica específica. Preocupa-se com o essencial nela: seu sentido histórico e, por conseguinte, o horizonte de integração do meio técnico com o meio geográfico: não há como deixar de pensar as “rugosidades” que constituem um prático-inerte no mundo (sentença que M. Santos emprestava da leitura fenomenológica de Sartre). Não há, enfim, a técnica, de um lado, e o meio geográfico, humano, do outro. Ambos estão integrados, sem dualidade.

Os sistemas técnicos atuais, sob o auspício das políticas dos negócios globalizados, fazem com que as novas coordenadas de inovação, de dependência e alinhamento dos lugares se ancorem aos usufrutos exógenos ao lugar, transformando em recursos econômicos tanto o cotidiano quanto o ambiente natural destes lugares.

Países como a Tanzânia, que outrora eram estripados por intromissões coloniais controladas por sistemas técnicos, burocracias e estratégias comerciais ativados por apenas um Estado, agora ficam sob as possibilidades reais de intervenção múltiplos atores privados do mercado internacional. Muda-se a condição de submissão. Nas mesas de decisões estratégicas de milhares de corporações multinacionais são avaliados os potenciais para obter informações, dinheiro, consumo, produtos e, caso seja, acionados os sistemas técnicos necessários. Ora, um novo patamar da internacionalização dos mercados veio com a globalização: o motor único. O motor único significou “uma verdadeira mundialização do produto, do dinheiro, do crédito, da dívida, do consumo, da informação. Esse conjunto de mundializações, uma sustentando e arrastando a outra, impondo-se mutuamente (...)” (SANTOS, 2001, p.30).

Nestas vicissitudes de negócios, a Tanzânia é ‘pescada’ pelo mundo. No documentário, a câmera de Sauper nos mostra os sistemas técnicos dispostos na Tanzânia, a partir dos ambientes sócio técnicos criados em meio a aviões, barcos, caminhões, linhas de produção no território do país africano. No documentário, os discursos parcimoniosos captados em meios aos problemas são contundentes. Os políticos dizem: ‘é preciso vender o lago’. Os empresários: ‘produzimos o peixe que

tem aceitação no mercado externo’. Os pilotos: ‘fazemos o serviço, não importa em que recinto’.

2º lição: a ambivalência das tecnologias nos presentes contextos capitalistas

A técnica apresenta-se ao homem como um mistério e uma banalidade. De fato, a técnica é mais aceita do que compreendida. Como tudo parece dela depender, ela se apresenta como uma necessidade universal, uma presença indiscutível, dotada de uma força quase divina à qual os homens acabam se rendendo sem buscar entendê-la (SANTOS, 2001, p.45).

Sob a globalização perversa, a ambivalência do mundo tecnológico contemporâneo é latente: vive-se ambivalência de mistério e banalidade; teoria e prática.

O potencial ‘libertador’ das tecnologias da informação e comunicação se transforma na perversidade inversa. Com a obra “Por uma outra Globalização”, compreende-se e elenca a transformação de uma “fabulação” de libertação tecnológica em perversidade contrária: da violência da informação, do dinheiro, do despotismo político, da fragmentação competitiva e da destruição ecológica que assola o mundo hoje.

A tirania técnico-política deflagrada sob o povo tanzanês acaba sendo patenteadas nas diversas cenas de homilias lamentosas ou revoltosas com que observam os grandes aviões e caminhões cruzando o céu e a terra. Não seria difícil entender se este povo concluísse que as tecnologias contemporâneas são coisas do “diabo”, um “cavalo de Tróia”.

No contexto tanzanês, os barqueiros do Lago Vitória são cruzados cotidianamente pelos grandes aviões cargueiros russos, uma maravilha da tecnologia moderna que fascina os olhos dos habitantes e exaure seus habitats. Carregados do peixe gigante, as mesmas técnicas barqueiras não mais trazem os peixes naturais da fauna do lago, que possibilitava o manuseio, benefício e comércio local.

Na Tanzânia de Sauper, as ambivalências sócio técnicas são explicitadas nos contextos específicos: a empresa passa a garantir o processamento do *Nile Perch* e os controles técnicos para qualificação do produto à exportação. Os políticos realizam contestações públicas do que é dito por cientistas e movimentos socioambientais para garantir a ordem técnico-econômica. Os pilotos, por sua vez, se relacionam com seus objetos técnicos que garantirem um ‘isolamento’ da inóspita paisagem tanzânica (as câmeras digitais com as imagens da família e viagens, os DVDs com programas russos, as vodkas importadas, as redes de

prostituição)... Uma cena talvez seja significativa: um funcionário da empresa, ao girar a página de um enorme calendário na parede, expõe a inscrição conturbadora: *"you're part of the big system"*.

Conforme a fala do um líder da comunidade pobre que vive à beira do rio, "dizemos que os europeus são 'os fortes' porque eles que detêm o Banco Mundial, o FMI, o comércio mundial...". A frase não deixa de revelar algo do caráter da ambivalência tecnológica: a criação do empoderamento e a divisão entre 'fortes' e 'fracos'.

M. Santos ensina, pois, a desvendar as formas na qual a técnica se insere nos contextos políticos não é uma tarefa das mais simples. Sempre foi incomum nas ciências humanas o enfrentamento dessa perspectiva. No entanto, felizmente esta perspectiva que nos guia hoje na análise é mais frequente. Se de fato, a princípio, as inovações tecnológicas abrem sempre novas possibilidades para enfrentar as dificuldades históricas, isto derradeiramente não qualifica ela de todo. Ora, escreve SANTOS (1994a, p.36), "uma coisa é um sistema de relações, em benefícios do maior número, baseado nas possibilidades reais de um momento histórico; outra coisa é um sistema de relações hierárquico, construído para perpetuar um subsistema de dominação sobre outros subsistemas, em benefícios de alguns. É esta última coisa que existe".

H. Marcuse, nos anos 1960, talvez seja quem melhor conseguiu dar uma original e sofisticada explicação para a ambivalência que encontramos em meio aos sistemas técnicos da globalização perversa. Isto teve forte repercussão no pensamento de M. Santos. Se hoje vivemos com as tecnologias da informação e comunicação que possibilitam atender a uma "razão teórica" que discursa em direção a um novo e interessante modo de experimentar, harmonizar e resolver problemas; temos, por contrário, seu reverso no mundo real: as tecnologias contemporâneas se transformam em ordem tecnocrática que determina a racionalidade do mundo (dirigindo a construção da ciência, política e ética). A técnica vem assim encarnar a "razão prática", que garante a legitimação da dominação social e da perpetuação de um poder político (apresentado como técnico, 'natural').

Ontem, a técnica era submetida. Hoje, conduzida pelos grandes atores da economia e da política, é ela que submete. Onde está a natureza servil? Na verdade é o homem que se torna escravizado, num mundo em que os dominadores não se querem dar conta de que suas ações podem ter objetivos, mas não têm sentido (SANTOS, 1994a, p. 24).

Seguindo a conclusão marcusiana, SANTOS (1994a, p.18) notava: "Quando a ciência se deixa claramente cooptar por uma tecnologia cujos objetivos são mais econômicos que sociais, ela se torna tributária dos interesses da produção e dos

produtores hegemônicos e renuncia a toda vocação de servir a sociedade”². O resultado mais cruel disto enseja o lamento tanzaniano em relação ao caráter das tecnologias contemporânea, no qual o geógrafo chegou a dizer que condicionaria uma “totalidade do diabo” (SANTOS, 1996) nas materialidades geográficas.

3º lição: o poder dos sistemas técnicos e a globalização perversa

Seguindo a lição fundamental de análise conjunta do estado da política e do estado da técnica, Milton Santos, desde as obras da década de 1990, alcançou uma síntese do período atual, no qual explica a posição que ocupa um território como o tanzanês. Para ele, o percurso histórico da racionalização do modo de agir e pensar ocidental veio a formar o período *técnico-científico e informacional* (SANTOS, 1994a, 1994b, 1999).

Influenciado por autores como Gilbert Simondon (1969), Leroi-Gourhan (1994) e Abraham Moles (1973), o geógrafo se afeiçoou a historiar finamente sobre a importância das tecnologias na conformação política dos diversos níveis espaciais do mundo.

Os sistemas técnicos hegemônicos, isto é, aqueles que se apoderam do ato de intervir e globalizar o espaço da Tanzânia caracterizam-se por serem integrados (por uma “interdependência de peças”, na expressão simondiana), de modo a tornar-se um todo conexo. Tal como ensinou Leroi-Gourhan (1994), as técnicas têm sentido histórico diferente em cada lugar. Se no mundo antigo, tinham-se as técnicas dos maias, as técnicas dos gregos, dos egípcios etc., hoje, no entanto, isso entra em declínio, uma vez que o planeta é submetido a um *sistema* técnico global. Ora, a Tanzânia, com sua vida material consolidada também em declínio, absorve assim o “ágil” e “produtivo” sistema técnico global.

Como nunca antes, as TIC’s vieram dar um caráter sistêmico às estruturais do mundo. Os sistemas técnicos globais são hoje caracterizados pela: 1) *universalidade e auto expansão*; 2) *vida sistêmica*; 3) *concretude*; 4) *alto conteúdo em informação* e; 5) *intencionalidade em informar e comunicar*. O alto conteúdo em informação é, sem dúvida, o fato original nas tecnologias contemporâneas. Santos – por meio da obra de A. Moles, elucidou sobre aquilo que é próprio na relação entre os objetos técnicos e a informação:-

A complexidade estrutural de um objeto é a sua informação porque é a forma como pode comunicar-se com outro objeto, ou servir a uma pessoa ou empresa ou instituição, tanto aquela que trabalha diretamente sobre ele, quanto, igualmente, a que, mesmo de longe,

2 Ver sobre esta influência marcusiana principalmente em: SANTOS, 1994a.

tem comando sobre operações econômicas e sociais locais (SANTOS, 1999, p. 56).

A ordem básica das 'condições materiais de produção' também se viu alterada sob o status das TIC's. Não basta produzir. É indispensável por a produção em movimento. SANTOS (1999) sintetizava a respeito: 'em realidade, a produção prescinde à circulação, mas é esta que conforma a produção'. Ora, não bastaria ter uma abundante produção de peixes no lago Vitória: é preciso garantir as redes de informação e comunicação em ação para garantir que todo o mercado europeu consuma o peixe fresco e garanta os lucros da indústria global.

Estas características dos sistemas técnicos contemporâneos possibilitaram evidenciar com profundidade aquilo que vem estruturar a globalização perversa. Na obra "Por uma outra globalização", o geógrafo ensinava que "as bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta" (SANTOS, 2001, p.36).

Sob o foco do documentário, a *unicidade técnica* é evocada na formação de sistemas técnicos capazes de implantar as logísticas de colheita em série, de preparação de linhas de produção e transporte em containers de peixes para exportação. Um posicionamento estético é bastante significativo: o documentário tem início e fim nas *imagens-metáforas* dos aviões que aterrissam e decolam no território tanzanês com infinitas bricolagens, gambiarras que garantem a inserção do local na economia internacional.

Quanto Sauper filma uma reunião de negócios da pesca no centro de Mwanza, seu foco em determinado momento se divide entre os discursos que exaltam as ótimas infraestruturas pesqueiras com a situação de caos urbano lá fora. O contraste fica explícito.

A perversidade se evidencia no circuito tecnológico montado a partir de 'cima'. Nada preza o ambiente e a sociedade tanzanês. Tudo o que é imprescindível é a funcionalidade da fábrica e dos aviões. O que é 'resto' disso pouco interessa: a carcaça do peixe e a carcaça do avião são, agora, as *imagens-espectros* do que é deixado ao povo local, do que é rudimentar, de 'segunda mão' e atendente apenas ao mínimo exigido ao circuito superior da economia.

A *convergência dos momentos* explicita como a temporalidade de colheita de um peixe no hemisfério sul é conexa com a temporalidade de comércio e consumo do mesmo peixe (ainda fresco) no hemisfério norte; e ainda, torna compreensivo como que o *conhecimento do planeta*, por meio da racionalidade técnico-científica, é derradeiramente obtido agora em toda sua totalidade: assim, um lago – outrora berço milenar de tecnologias e modos de vida civilizacional – hoje é facilmente

inserido no submundo do capitalismo global, sendo usado como um *recurso* para o capital.

4º lição: a transformação da pobreza em miséria estrutural

Milton Santos assumiu um método de trabalho potencialmente forte para compreender o processo de difusão e implantação das tecnologias contemporâneas como seletivas e desiguais. No horizonte da TIC's, o campo político democrático foi desvirtuado em todas as esferas da cultura. Na verdade, é com a palavra "globalitarismo" que ele sintetiza o presente drama ético-político, unindo os aspectos totalitários e globais³.

A *pobreza* como uma problemática "endógena", torna-se *miséria estrutural* de princípio explicador "exógeno". Os ditames do 'irreversível' discurso de 'acesso às tecnologias e civilização' conduzem a outro traço do capitalismo global: a *invasão*. Aliado a uma abertura de mercados que ideologiza o 'fim dos Estados', territórios pobres são invadidos por diversas empresas que oferecem empregos, saúde, lazer etc. Na maioria dos lugares, tal benefício é ínfimo, ilusório, propagandista. E, em lugar disso, o prejuízo é o que verdadeiramente toma conta, transformando os problemas em algo mais amplo e profundo: ao invés da 'libertação', produz-se a prisão pela dependência técnica e econômica; ao invés da solidariedade entre as nações, produz-se a perversidade que escancara a crise da ética e política ocidentais.

Não obstante, concluiu M. Santos, ao invés de uma simples pobreza, fruto de uma privação natural, técnica ou endêmica, o processo global no período técnico-científico e informacional transforma a condição humana em vários pontos do mundo em *miséria estrutural*.

"Ser pobre é como ser um velho", diz uma inscrição no abrigo de um homem que Sauper filma no momento em que visita a comunidade pobre e abundantemente infectada com AIDS. Na globalização, SANTOS (2001, p.59), poderia complementar, "ser pobre é participar de uma situação estrutural, com uma posição relativa inferior dentro da sociedade como um todo".

Ser pobre, miserável é algo que tem causa estrutural, que não se encontra completa explicação ao nível local ou mesmo nacional. A questão torna-se global. A

3 Não obstante, mais um agravante é a *facticidade* com que tornam as tecnologias 'irreversíveis'. Ora, escreve SANTOS (1996, p.145), "ainda que fosse possível abandonar algumas técnicas como modo de fazer, permanecem aquelas que se impuseram como modo de ser, incorporadas à natureza e ao território, como paisagem artificial. Neste sentido elas são irreversíveis, na medida em que, em um primeiro momento, são produto da história e, em um segundo momento, elas são produtoras da história, já que diretamente participam desse processo".

fome que aparece no filme não é a mesma fome que, porventura, poderia ter passado antes aos povos daquele lugar. A fome de hoje tem outra explicação. Se, por acaso, havia pobreza extrema antes na Tanzânia, a natureza dela não seria a mesma da de então. A pobreza nestes casos é algo *estrutural*.

A Tanzânia, como seu grande lago tropical, entrou na elegia global do século XXI. Na cidade e nos povoados da região de exploração industrial da pesca a visão que se tem na antropologia cinematográfica de Sauper é uma contínua 'coleta de restos', sob murmúrios de raiva, lamento e pedidos de justiça.

5º lição: a fragmentação dos lugares e – apesar de tudo –, uma esperança com as tecnologias da comunicação e informação

As tecnologias de informação e comunicação vieram sacudir o território tanzanês. Declaradamente, as imagens documentais de Sauper vêm mostrar as redes pesqueiras dispostas para o imperativo de fluidez e competitividade mundial.

Nas cenas do documentário dentro da fábrica, no escritório, há um momento desconcertante em que é desvelado o universo humano pueril que se vive a alegria do imperativo de fluidez e competitividade mundial montado para o comércio do peixe: uma reprodução (talvez) do Nile Perch, no modelo de um cantante *souvenir* empalhado, assentado no alto da parede, é ligado pelo empresário e canta a música pop: "Don't worry, be happy"! A cena parece despertar, no próprio empresário, o semblante de cumplicidade melancólica.

A escrita de M. Santos / a câmera de Sauper nos levou enfim a apreender um último diálogo produtivo, que preserva tanto o valor da perversidade com o da esperança.

A *vertilização* dos processos econômicos em torno do lago significa não somente a transferência do grosso dos lucros para os países ricos, mas também – e principalmente – o aparecimento do fenômeno de *alienação dos lugares*. O lago não mais serve como fonte de rica fartura para dispor à mesa da população. O trabalho não mais serve para dignificar os frutos da natureza e reproduzir a cultura local. Pelo contrário, o trabalho manual para a indústria pesqueira torna-se a própria usurpação do corpo em relação a tudo o que é próprio ao lugar. O peixe retalhado em cima da mesa da fábrica é o símbolo máximo do esquitejamento da vida e sociabilidade dali. O lago torna-se o ambiente onde habita agora o peixe-monstro, o peixe-alienígena, no qual condena o que está por volta.

A caveira do bicho, com apenas a cabeça e rabos intactos, é o que resta. O ritual jejuoso de defumação do peixe em putrefação é uma daquelas cenas incomuns e alucinantes – carregadas, ao mesmo tempo, de uma repulsa instintiva

e potência política. Imagens impetuosas, sem dúvida; mas construída, acredito, de forma muito distante de uma simples “pegagogia/pornografia do horror”.

O filme de Sauper converte a Tanzânia em um estudo de caso do processo de *fragmentação* dos lugares, advertido por SANTOS (2001, p.80), no qual “rouba às coletividades o comando de seu destino, enquanto os novos atores também não dispõem de instrumentos de regulação que interessem à sociedade em seu conjunto”. O cenário da globalização perversa fica manifesto na ‘visitação’ de Sauper. Ele encontra neste lugar o vem a ser um ‘neocolonismo econômico’ globalizado. Podemos sintetizar as ocorrências ‘denunciativas’ mais fortes no filme: *o aeroporto em precária condição*, com o aproveitado apenas para a via de mão única de exportação do peixe; ou, pior ainda, sob fortes suspeitas de tráfico internacional de armas; *o ‘bioterrorismo’ no lago*, chegando a consequências terríveis hoje, já que é provável que o peixe-alienígenas tenha detonado 90% das espécies nativas!; *a prostituição turística*, por parte mesmo dos próprios pilotos dos velhos cargueiros russos); *a alarmante violência urbana e consumo de drogas por crianças*, trata-se como corriqueiro a presença de crianças e adolescentes em todos os ambientes de adultos; *o alastramento da Aids e da fome*, denunciadas nos jornais e na câmera...

Sobre este derradeiro aspecto negativo da fragmentação, do “estilhaçamento”, que vem a assolar o rumo de uma sociedade, Milton Santos tinha, contudo, uma esperança semelhante à de outros intelectuais contemporâneas, como a de A. Negri e M. Hardt (NEGRI; HARDT, 2002), com a ideia de multidão. Nas palavras do próprio geógrafo, seria melhor pensar que “a crise por que passa hoje o sistema [da globalização perversa], em diferentes países e continentes, põe à mostra não apenas a perversidade, mas também a fraqueza da respectiva construção. Isso, conforme vimos, já está levando ao descrédito dos discursos dominantes” (SANTOS, 2001, p.168).

O documentário do cineasta europeu é um sinal de crise. A esperança final das lições de Milton Santos era que a resistência e a revanche da “multidão” são possíveis por meio das novas sociabilidades mais orgânicas, justas e fraternas das quais são capazes de criar os pobres marginalizados. É “na convivência com a necessidade e com o outro [que] se elabora uma política dos de baixo, constituída a partir das suas visões do mundo e dos lugares” (SANTOS, 2001, p.132-3).

Sob certos aspectos, a cultura popular assume uma revanche sobre a cultura de massas, constitucionalmente destinada a sufocá-la. Cria-se uma cultura popular de massa, alimentada com a crítica espontânea de um cotidiano repetitivo e, também não raro, com a pregação de mudanças, mesmo que esse discurso não venha com uma proposta sistematizada (SANTOS, 1999, p. 257).

Eis acima a esperança para o fim da massa “estacionária” do século XX. No coração destas mudanças estaria em ação a ambivalência (agora positiva) das TIC’s depositadas agora nas massas – isto é, a “aparelhagem tecnocrônica multiplicadora”, que acarretaria a expansão das “grandes arenas” e do “palco multidinário” capazes de ativar espaços horizontais mais justos (*idem, ibidem*).

Isto inverteria a globalização de cima para baixo vigente hoje. Vivendo sob processos horizontais de vida, os pobres teriam sempre o germe capaz de politização e contestação contra as vertilidades exógenas e improdutivas aos lugares e aderentes à globalização perversa. A Tanzânia, ao que parece, ainda se encontraria longe de alargar as potencialidades das Tic’s às populações... No documentário, porém, um único discurso, diretamente político – transcorrido ao final – é protagonizado por um jovem tanzaniano, repórter investigativo, que contesta as fábulas e perversidades do mundo globalizado na Tanzânia, denunciando o tráfico de armas no país. A cena mostra um jovem que clama por uma coletividade orgânica e justa, sonhando com a “globalização como possibilidade”, o último tipo de globalização pensado por Milton Santos. O filme termina, porém, com uma jovem negra, contemplando o avião, o belíssimo artefato técnico da humanidade, no qual a deixa, ao mesmo tempo, em admiração e contemplação a respeito de sua condição tanzaniana.

Ficha técnica – Darwin’s Nigthmare:

Diretor: Hubert Sauper

Elenco: - documentário

Produção: Barbara Albert, Martin Gschlacht, Edouard Mauriat, Hubert Sauper, Antonin Svoboda, Hubert Toint

Roteiro: Hubert Sauper

Fotografia: Hubert Sauper

Duração: 107 min.

Ano: 2004

País: Áustria/ Bélgica/ França/ Canadá/ Finlândia/ Suécia

Gênero: Documentário

Cor: Colorido

Distribuidora: Não definida

Referências

ELLUL, Jacques, 1977, **The technological society**. Vintage Books, New York.

LEROI-GOURHAN, André, 1994, **Milleu et techniques**. PUF, Paris.

MARCUSE, Herbert, 1978, **A Ideologia da Sociedade Industrial**. Zahar, Rio de Janeiro.

MOLES, Abraham, 1973, “Funções sociais dos objetos”. In: Moles, Abraham. **Rumos de uma cultura tecnológica**. Ed. Perspectiva, São Paulo.

NEGRI, A.; HARDT, M. (org.), 2002, **Vozes no Milênio. Para pensar a globalização**. Gryphus, Rio de Janeiro.

SANTOS, Milton, 1994a, **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. Editora Hucitec, São Paulo.

SANTOS, Milton, 1994b, **Metamorfose do espaço habitado**. Editora Hucitec, São Paulo.

SANTOS, Milton, 1999, **A natureza do espaço: tempo e tempo; razão e emoção**. Editora Hucitec, São Paulo.

SANTOS, Milton, 2001, **Por uma outra globalização**. Editora Record, São Paulo.

SIMONDON, Gilbert, 1969, **Du mode d'existence des objets techniques**. Aubier, Paris.